

ORTBERG, John. **Venha andar sobre as águas.** São Paulo: Vida, 2002. 243 p. Resumido por JL em agosto–dezembro de 2023 a partir do original *If you want to walk on water, you've got to get out of the boat* (Zondervan, 2001).

Prefácio

A Bíblia é uma lista de caminhadas. A primeira é a do próprio Deus que caminhava no jardim na viração do dia. Como regra geral, Deus nos convida a caminhar com ele. A mais inesquecível é a caminhada de Pedro sobre a água. Que ela seja um convite para todos que desejam experimentar algo mais do poder e da presença de Deus. Que andar nas águas seja uma imagem para o que só podemos fazer com a ajuda de Deus, nunca sozinhos.

Há um padrão bem delineado do que ocorre na vida que Deus quer usar: chamado, medo (de inadequação, do fracasso, de Deus), encorajamento (Deus promete estar presente e capacitar), decisão (uns dizem sim e outros, não), e vida transformada (crescimento ou endurecimento).

1. Sobre o caminhar nas águas (Mt 14.25-33)

Há alguém lá em cima controlando nossas vidas? Sim, quem anda sobre as águas...

a) **Reconhece a presença de Deus.** Os discípulos no barco estavam com medo. Só os olhos da fé reconhecem a proximidade de Jesus. O verbo “passar por” (*parerchomai*, Mc 6.48-49) é usado para teofanias no AT (Êx 33.22; 34.6; 1Rs 19.11), em que Deus se revela de modo especial para alguém a uma missão (NIVAC Mc). Foi Jesus quem mandou que entrassem no barco. A obediência não garante a ausência de problemas. Jesus quer lhes ensinar que podem confiar nele. Ele aparece no momento mais inesperado. “O limite humano é o lugar mais frequente de encontro com Deus” (WBC Mt). Se não o estivermos procurando, podemos deixar de percebê-lo.

b) **Discerne entre fé e impulsividade.** Mateus acrescenta a pergunta de Pedro (14.28): “Se és tu, manda-me ir...”. A história não valoriza o risco desnecessário (não é um esporte radical), mas sim a obediência. É preciso discernir entre o chamado de Deus e meus impulsos tolos. A coragem precisa ser acompanhada de sabedoria e discernimento. Pedro teve fé suficiente para crer que podia compartilhar da aventura de Jesus.

c) **Sai do barco.** Jesus convida Pedro à maior aventura de sua vida. As águas são hostis; há uma boa chance de afundar. Mas, para andar sobre as águas, é preciso sair do barco. Qual é o nosso barco? É algo que representa segurança para nós, que não seja o próprio Deus. É nossa zona de conforto. É aquilo que temos medo de largar.

d) **Sabe que terá problemas.** Pedro passou a ter problemas quando mudou seu foco do Salvador para a tempestade. A tempestade está presente, mas de alguma forma os problemas ainda nos pegam de surpresa. Alguns não querem sair por causa do vento. Contudo, o vento é inevitável, mesmo para quem está no barco. Tudo é arriscado: tanto ficar quanto sair do barco.

e) **Aceita o medo como preço do crescimento.** Seguir a Jesus é uma opção pelo retorno constante do medo. Para crescer é preciso aceitar desafios novos, e isso gera medo. O perigo da nossa época é a busca do conforto. Na igreja, queremos o conforto da espiritualidade, mas não o risco e o desafio de seguir a Jesus. As duas escolhas formam hábitos. Cada vez que optamos pelo risco, nos acostumamos mais com viver com o medo; cada vez que optamos por recusar o desafio, nossa voz interior silencia mais um pouco, até que não ouvimos mais seu chamado.

f) **Administra o fracasso.** O fracasso não é um acontecimento, mas sim o julgamento que se faz de um evento. Os onze fracassaram bem mais que Pedro, pois nem saíram do barco. Embora o fracasso de Pedro tenha sido público, ele também foi o único a experimentar a glória de andar sobre as águas e de ser resgatado por Jesus.

g) **Encara o fracasso como oportunidade para crescer.** Jesus ajudou Pedro a identificar seu problema: teve pouca fé. Jesus falou com ele antes de entrarem no barco, para não o envergonhar.

Ao se arriscar, Pedro cresceu. O fracasso é parte indispensável do crescimento. Não é o fracasso que nos molda, mas sim a maneira como reagimos a ele.

h) Aprende a esperar no Senhor. A espera é a parte mais difícil no exercício da confiança. Por que Jesus não acalmou a tempestade antes? A espera nos leva a ficarmos vulneráveis nas mãos de Deus.

i) Estabelece uma relação mais profunda com Deus. Há vários motivos excelentes para sairmos do barco. O principal é que Jesus está na água, não no barco. Pedro saiu para estar com Jesus. Deus usa os desafios do nosso mundo para gerar em nós uma fé profunda e ousada. Mas não queremos sair do nosso conforto. Se sairmos, podemos fracassar, mas Jesus está pronto a nos segurar; além disso, às vezes conseguiremos andar sobre as águas!

2. Os acomodados no barco

Ao ganharmos um presente valioso, podemos guardá-lo (para não arriscar danificá-lo) ou usá-lo (para evitar o risco de nunca ser usado). Pedro preferiu usá-lo; não pediu uma promessa de não afundar (segurança), apenas um comando para obedecer (uma oportunidade). Os demais foram acomodados. Há um alto preço em ser acomodados: ficamos estagnados e deixamos de crescer. Não há tragédia maior do que a de um presente que nunca foi aberto.

Na parábola dos talentos (Mt 25.14-30), Jesus nos ensina três princípios sobre Deus:

a) Ele é o Senhor do dom. Cada talento equivalia ao salário de 15 anos (ou seja, 180 salários-mínimos; hoje R\$ 237.600). Os três servos receberam uma oportunidade incrível de exercer autoridade e investir recursos, de fazer diferença. O primeiro servo agiu imediatamente, pois reconheceu a oportunidade única. Precisamos aprender a dar valor ao que o Senhor do dom nos deu. Cada um recebeu um dom, mas este foi escolhido pelo Senhor. Não podemos enterrar o dom, como fez o terceiro servo.

b) Ele é o Senhor do acerto de contas. O terceiro servo esqueceu que precisaria prestar contas. Como ele, ficamos postergando, mas Jesus virá e perguntará a cada um de nós o que fizemos com o que ele nos deu. A comparação entre os três servos revela que a quantidade recebida não faz diferença na reação de Jesus. Não devemos comparar nossos dons com os dos outros, pois isso gera orgulho ou insegurança. Precisamos apreciar os dons que recebemos, pois Deus sabe o que estava fazendo quando criou cada um de nós. O terceiro servo enterrou o tesouro porque teve medo, mas o Senhor não aceita isso como justificativa. O servo não foi julgado por ter feito coisas erradas, mas por não ter feito nada. O senhor o condena como mau e negligente porque não fez nada. Temos responsabilidade diante de Deus de agirmos como bons mordomos daquilo que recebemos; falhar nisso é roubar a Deus. Ócio não é o mesmo que preguiça; preguiça é a perda de sentido e de esperança, aliada à indiferença quanto aos outros. É o contrário de zelo e alegria em servir ao Senhor. Um potencial irrealizado é pecado; é o presente nunca aberto. Precisamos enfrentar o desafio para crescemos. Muito conforto é perigoso. Sem desafios estagnamos e morremos.

c) Ele é o Senhor da recompensa. A recompensa é ainda mais trabalho! O céu é um lugar para desenvolvermos nossa produtividade, para chegarmos ao potencial para o qual fomos criados (Ap 3.21; 1Jo 3.2). Investir tudo o que temos no reino de Deus é a maior oportunidade que temos. O Senhor pode tomar o pouco que você tem e produzir uma diferença no mundo que impactará a eternidade.

3. Discernindo o chamado

Andar sobre as águas requer sabedoria para discernir o chamado. Pedro era impetuoso, mas aguardou a ordem de Jesus. Jesus quer mais do que impulsividade; ele quer coragem para aventurarse com Deus, submissa à sabedoria que determina quais riscos correr. Às vezes as pessoas tomam decisões temerárias e as racionalizam com linguajar espiritual. É possível tomarmos decisões corajosas e de alto risco que sejam estúpidas. É fina a linha entre “não tenha medo” e “não seja tolo” (Ef

5.15). Como podemos discernir entre um impulso tolo e um chamado genuíno de Deus?

Para o que fomos chamados? A Bíblia revela que Deus trabalha continuamente (Sl 104.10, 13-14,24; Jo 5.17). Por sermos imagem dele, fomos criados para trabalhar. Fomos chamados a usar os dons que recebemos para servir ao mundo com excelência e, assim, amar e honrar a Deus (Miller). Deus não produz “peças” que não servem para nada. Todos têm um propósito. Somos chamados para conhecer a Deus e ter Cristo formado em nós. Estamos em missão divina. Se o reino de Deus precisa se manifestar agora, deverá ser por meio de nós; Deus não tomará o nosso lugar.

Discernir o chamado é uma tarefa difícil. Envolve se fazer perguntas difíceis e se expor a tentativas e erros; envolve deixar alguns sonhos morrerem. O chamado é algo que se descobre, não que se escolhe. Implica em ouvir a voz de Deus (vocação vem de voz), que nos designa para uma tarefa. Nossa natureza determina limites e potenciais específicos. O chamado manifesta nossa profunda alegria: que tipo de trabalho nos dá prazer? Precisamos perceber que tipo de atividades nos atrai e que fazemos bem. É importante distinguir o que amo fazer daquilo que desejo fazer por causa das recompensas que gera. É preciso levar em conta nossa matéria-prima, senão a realidade será nossa inimiga, ao buscarmos fazer algo para o que não estamos preparados, e viveremos em ansiedade crônica. Nossos fracassos nos impactam por muitos anos. Embora seja custoso e doloroso, reconhecer nossos limites gera liberdade.

[Não devemos dizer às crianças que podem ser o que quiserem quando crescerem. Todos têm limites. Devemos dizer às crianças que há inúmeras possibilidades no futuro delas, e que elas precisarão descobrir quais possibilidades usarão melhor seus talentos.]

Para isso é útil contar com um grupo de amigos que nos ajudem a esquadriñar nossos limites e potenciais (uma comissão de esclarecimento). A função do grupo não é dar conselhos, e sim fazer perguntas relevantes e ouvir atentamente, além de orar por revelação divina sobre o seu chamado.

Deus leva nosso trabalho a sério. É pecado continuar no emprego errado. Por isso é bom testar “novas águas” cautelosamente, com experiências de baixo custo. Isto é, fazer algo de forma voluntária sem comprometer seu emprego atual. Deus é um trabalhador cuidadoso e não desperdiça recursos. As competências e habilidades que você adquiriu até agora são importantes.

O chamado sempre implica medo e dor. Não somos chamados para trabalhar apenas para Deus, mas com Deus. Deus não nos dá tarefas que possamos executar bem, pois ele quer se revelar nas impossibilidades de cada tarefa. Na Bíblia, todos que disseram sim ao chamado sentiram medo e pagaram um alto preço (como Jeremias). Mas quando Deus chama, Deus capacita.

Chamado é diferente de carreira profissional. O trabalho virou uma religião que deve nos prover significado, conexão, identidade e estima. A carreira assume o papel de deus; é o altar onde sacrificamos nossas vidas. A profissão eu escolho, exerço para mim mesmo. O chamado eu recebo e faço para Deus. A carreira termina na aposentadoria; o chamado, só quando morremos. Às vezes o fim de uma carreira é o começo de um chamado (Colson).

4. Andando sobre as águas

Pedro se arriscou ao andar sobre as águas, mas foi um momento excitante. Sabemos que Deus é poderoso, mas isso não nos torna corajosos. Para experimentarmos o poder de Deus, é preciso darmos o primeiro passo (Js 3.13).

Uma pergunta interessante é: O que estou fazendo que não poderia fazer sem o poder de Deus? Deus em geral ajuda as pessoas a crescerem pedindo que elas deem o primeiro passo. Esse padrão se repete em toda a Bíblia.

A fé não é algo que se pode obter com um esforço maior. Mas a solução está em conhecer melhor a Deus. Para passarmos a conhecer a fidelidade de Deus precisamos obedecer.

Muitos têm uma zona de conforto espiritual. Para ampliarmos essa zona, precisamos dar um

salto de fé, como Indiana Jones. Precisamos sair do barco a cada dia um pouquinho. Às vezes o que ousamos fazer resultará em fracasso, mas devemos dar oportunidade para que nossa fé cresça.

Para onde Deus nos chama a andar sobre as águas? Sugiro quatro indicadores: 1) O do medo. Deus deseja que superemos os nossos medos. 2) O da frustração. Algumas pessoas são movidas por Deus ao se frustrarem com o estado quebrado do mundo. 3) O da compaixão. Às vezes Deus nos move por um sentimento intenso de compaixão. 4) O da oração. Muitos dos desafios de Deus a nós começam com um compromisso prolongado de oração.

5. Reparando no vento

Mateus nos revela que as tempestades podem perturbar mesmo quem está andando pela fé sobre as águas. Pedro viu o vento. Os obstáculos da realidade abalam nossa esperança e fé.

Estudos com pessoas que sobreviveram traumas fortes revelam que algumas são derrotadas pelo trauma, mas outras demonstram resiliência. Com resiliência, essas pessoas aumentam sua capacidade de enfrentar problemas e de amadurecer no processo. Qual é a diferença? As pessoas resilientes buscam continuamente assegurar algum controle sobre seu destino em vez de se portarem como vítimas passivas; possuem maior coragem moral e se recusam a trair seus valores; encontram propósito e significado em seu sofrimento.

Essas qualidades não derivam apenas de um caráter forte, mas sim de uma profunda dependência de Deus. A história de José demonstra uma fé resiliente, pois é cheia de acontecimentos bons e ruins para José. O que importa é o final: se terminar bem, toda a história se redime e as tragédias são vistas sob nova luz.

Ao receber o robe que confirmava a predileção de seu pai (Gn 37.3), José deve tê-lo usado com orgulho. Porém os irmãos se sentiram pouco amados e ficaram com inveja, por isso tiraram seu robe e o venderam como escravo. José tinha sonhos de grandeza (o escritor não diz que vieram de Deus) e os compartilhou com sua família, fazendo seus irmãos o odiarem ainda mais (37.8). Ao virar escravo no Egito, José aprendeu que o coração se revela e o caráter é forjado quando a vida não dá certo como imaginamos. [Dt 8.2]

No momento da angústia inicial de estar longe da família numa situação de aflição, o autor afirma que “o Senhor Deus estava com José” (39.2). Em vez de se sentir impotente, José demonstrou iniciativa e autonomia porque se sentia amparado por Deus. Com Deus nunca somos vítimas desamparadas. José se aplicou diligentemente ao serviço disponível, embora não fosse o que ele sonhara. Desistir ou se acomodar é mais fácil do que persistir na dura tarefa proposta. Viver em comunidade é difícil, amizades verdadeiras são difíceis, paciência no trabalho é difícil; ir embora sempre parece mais atrativo, mas produz pessoas que desistem fácil. O crescimento ocorre quando buscamos exercer o pouco de controle que podemos onde estamos, em vez de desistir por causa das circunstâncias difíceis. Nesses momentos descobrimos que não estamos sozinhos: o Senhor está conosco.

Ao ser tentado pela mulher de Potifar (39.7), José se manteve fiel aos seus valores. Ele resiste à tentação por causa da sua honra e da confiança depositada nele por Potifar (39.8-9). A lealdade a valores mesmo quando isso implica sofrimento é um catalisador poderoso para a formação do caráter. A mulher de Potifar continuou tentando José, até mesmo a dar o pequeno passo de apenas ficar perto dela (39.10). Mas José resistiu. Ao ser encurrulado por ela, José fugiu. Não se considerou forte para resistir à tentação. Para CS Lewis, o pior momento de tentação é quando estamos tristes ou desolados. A frustração com as dificuldades nos faz mais suscetíveis a pecados que resistiríamos em outros momentos. O pecado é sempre um substituto para o sofrimento legítimo; é uma tentativa de obter prazer que não pertence legitimamente a mim ou escapar da dor que me pertence. Assim, os problemas e o desânimo fazem o pecado parecer irresistível (como a luz azul que atrai insetos para a morte). Não é suficiente fugir do pecado, entretanto; em algum momento precisaremos enfrentar a dor que torna a tentação tão atrativa; em algum momento precisaremos correr para Deus.

José vai para a prisão, mas Deus estava com ele (39.21-22). Melhor não ter nada com Deus

do que ter tudo sem o Senhor. A maneira como escolhemos reagir às circunstâncias mais adversas acrescenta um significado mais profundo à nossa vida (Victor Frankl). As teofanias em geral ocorrem no topo das montanhas, quando estamos afastados da rotina do mundo; mas às vezes Deus aparece no meio do mar, no lugar de vulnerabilidade e medo.

Na prisão, José encontrou significado ao ajudar outras pessoas com problemas. Em vez de se isolar para focar em seu próprio desapontamento, José se volta para os outros sem esperar algo em troca. Talvez o sofrimento de José tenha sido necessário para que ele desenvolvesse compaixão, pois parecia antes orgulhoso em ser o favorito do pai, sem atentar para as repercussões nos irmãos e em si próprio. José precisou passar alguns anos na prisão para estar pronto para ser usado por Deus na alta posição que adquiriu. Por isso as pessoas sábias aprendem a não temer os problemas, e sim recebê-los com alegria, pois por meio deles crescemos mental e espiritualmente. Com o robe, José nunca alcançaria comunhão com seus irmãos, nem saberia do que era capaz diante de adversidades, nem ainda compreenderia que Deus é suficiente mesmo quando perdemos tudo.

José ajudou na interpretação dos sonhos, mas mofou dois anos na prisão antes de ser lembrado pelo padeiro. No fim, ele reconhece a ação de Deus em tudo (50.20). Muitos ficam desanimados com a perspectiva de que suas vidas não têm propósito, por terem um pequeno papel a desempenhar. No entanto, no fim desta vida, o que importa é o tipo de pessoa que nos tornamos; é lembrar que temos prometida no futuro uma vida maravilhosa.

6. Gritando de medo

Qual é o mandamento mais comum na Bíblia? Embora o orgulho seja a raiz do pecado, a instrução divina mais repetida é: “Não tenha medo!” (366 versículos). Deus não fala isso para nos poupar de desconforto, pois em geral ele o diz para nos levar a fazer algo que gerará ainda mais medo. Deus comanda isso porque o medo é o principal motivo que nos tenta a não fazer o que Deus quer.

Em nossa história, o medo aparece duas vezes. Os discípulos estão com medo por causa da tempestade. Não comprehendem que Jesus está com eles. Jesus afirma: “Coragem! Eu Sou! Não temam!” (Mt 14.27). Essa é uma revelação de que o Deus “Eu Sou” está no meio deles (Bruner), como declara Isaías (43.1-7). A segunda aparição ocorre após Pedro sair do barco: ele percebe o vento. O medo nos faz afundar rápido. O medo atrapalha a fé e se torna o maior obstáculo para confiarmos em Deus e obedecê-lo. A verdadeira coragem surge quando alguém luta contra seu medo e preocupação e ainda assim obedece, tremendo, mas confiando.

O que é o medo? É um grito interno que avisa que há perigo por perto, preparando nosso corpo para fugir, se esconder ou lutar. Alguns medos são inatos; outros são aprendidos. Existe um tipo de medo que é bom, que nos leva a evitar situações prejudiciais. Porém, em geral o medo nos atinge quando não é útil nem desejado. O medo pode ser paralisante, em vez de motivador. A preocupação é um tipo especial de medo. O medo é causado por fontes externas, enquanto a preocupação (ou ansiedade) é produzida internamente. A preocupação é um medo que se alojou em nós e que precisa ser expulso. Algumas pessoas têm forte predisposição genética para medo e ansiedade. O medo geralmente tem um papel destrutivo em nossa vida. Há um preço a pagar pela recusa de se arriscar (pelo medo). Vencer o medo e agir é menos ameaçador que viver sob o medo subjacente que procede de um sentimento de desamparo.

O medo gera perda da autoestima. Evitar o perigo mata a confiança interior; enfrentá-lo edifica o interior. O medo gera perda do destino, deixamos de experimentar o potencial que Deus planejou para nós. O crescimento sempre envolve risco e, por consequência, o medo. O medo gera perda da alegria. Gera perda da intimidade autêntica, pois nos leva a nos escondermos (Gn 3.10). Preferimos ficar em silêncio para evitar confrontos. O medo nos afasta de Deus, pois desconfiamos que Deus não é suficiente para cuidar de nossos problemas. Finalmente, o medo passa de geração a geração. Aprendemos o medo na família. Precisamos praticar uma fé ousada, pois ela também é contagiosa.

7. A sensação de afundar

Pedro estava disposto a arriscar um fracasso, mas não queria perder a oportunidade de confiar mais plenamente em Cristo. Quando ele falhou, Jesus o salvou e o repreendeu. Para alguns, o fracasso energiza, enquanto para outros paralisa. Ninguém gosta do fracasso, mas alguns são levados a persistir. A reação das pessoas ao fracasso faz enorme diferença em suas vidas, mais do que beleza, inteligência ou riqueza. Atletas e estudantes que se destacam são caracterizados por sua tenacidade e entusiasmo diante dos obstáculos.

Davi experimentou cedo o sucesso. O ciúme de Saul tirou dele tudo o que tinha: emprego e esposa. Samuel e Jônatas não puderam ajudá-lo. Davi fugiu para os filisteus, seus inimigos, e se fez de louco. Depois se refugiou na caverna de Adulão. Essa é a caverna do fracasso, alcançada por escolhas insensatas e/ou circunstâncias incontroláveis. Todos acabam passando algum tempo numa caverna assim. Surge a dúvida: será que Deus se esqueceu de mim? Contudo, é ali que Deus melhor molda a vida humana, quando não temos outro recurso além dele. Aprendemos que não há problema em sermos inadequados e que o poder de Deus flui em nossa fraqueza.

Davi formou uma comunidade de inadequados, em Ziclague. Perderam bens e famílias e choraram “até não terem mais forças para chorar” (1Sm 30.4). Seus liderados pensaram em apedrejá-lo, mas “Davi se reanimou no Senhor, seu Deus” (30.6). Esse é um grande segredo da vida espiritual. O salmo 142 foi escrito nesta época da caverna; foi seu lamento diante do fracasso. Deus encoraja esse comportamento, mas muitos preferem esconder a sua dor, pois têm vergonha do fracasso. Precisamos aprender a orar os salmos de lamento.

Elias quis morrer e se escondeu numa caverna (1Rs 19.4-9). Deus o confrontou ali, pois estava com Elias na caverna. No sucesso é fácil crer que Deus está presente, mas no fracasso é maravilhoso descobrir que somos amados por Deus. Se nosso senso de valor e significado estiver atrelado ao sucesso, é algo muito frágil. Devemos entender que somos amados e valorizados por Deus até quando estamos “no fundo do poço”. Deus nunca traz desânimo. Quando andamos perto dele, descobrimos que os problemas perdem sua capacidade de ferir nosso espírito.

Muitos ficam paralisados no desânimo porque não investem tempo e energia para entender o fracasso e efetuar mudanças; ficam à espera de algo exterior, quando Deus os chama a agir. Quando estamos preocupados com o fracasso, o mais perigoso é não fazer nada. Num ciclo de letargia, a inação diante do desafio gera pensamentos distorcidos (não tenho valor), depois emoções destrutivas (perda de motivação, autoestima danificada) e, finalmente, comportamento autossabotador (procrastinação, escapismo) que encoraja novos pensamentos negativos. Quando perdemos a esperança, morre a motivação para buscarmos mudança e deixamos de tentar. O segredo é focar em uma pequena área e obter alguma mudança, pois isso gera esperança. A alternativa é a passividade e a resignação. Não conseguimos evitar o fracasso, então precisamos aceitá-lo e dar passos de confiança em Deus.

Ainda assim, precisamos estar preparados para tentar e fracassar. O maior fracasso é não tentar. O fracasso faz parte do aprendizado: tentar e falhar, aprender com o fracasso, tentar de novo. Jesus ajudou Pedro a aprender com o seu fracasso, na próxima vez sua fé estaria mais forte. Na caverna, Davi descobriu que preferia agradar a Deus do que ser rei e deixar a caverna, por isso se recusou a matar Saul (1Sm 24). A caverna nos faz pensar sobre o que queremos da vida. Davi proclama a Deus: “Tu és o meu refúgio” (Sl 142.5). Encontrar refúgio em Deus significa estar imerso na sua presença, convencido da sua bondade e devotado à obediência; daí a caverna se torna um lugar seguro para viver. Algumas vezes não dá para sair da caverna e só podemos encontrar refúgio em Deus. Jesus também foi pra caverna, mas é ali que Deus ressuscita o que está morto.

8. Focando em Jesus

Pedro deixou de olhar para Jesus e prestou atenção no vento. Esqueceu a regra principal: não olhe pra baixo! Jesus lhe perguntou por que ele duvidou. Queria que ele crescesse com a experiência.

Quando Pedro focou na tempestade, seu medo o incapacitou a receber o poder sustentador

de Deus para andar sobre a água. A esperança é o combustível do coração humano. É a diferença principal entre quem tenta e quem desiste. Jesus nos chama para fora do barco e nos dá o poder de andar sobre a água. Ele nunca nos chama para afundarmos, embora isso aconteça às vezes.

O desamparo pode ser aprendido. É a reação de desistir que deriva da crença de que não importa mais o que fazemos naquela situação. A esperança faz muita diferença e salva da apatia e do desespero. Não ter otimismo é deixar de estar completamente vivos.

Por outro lado, a autoeficácia é a forte confiança nas próprias habilidades, que gera resiliência diante do fracasso. Para os que confiam em Deus, a questão real não é o que posso fazer, mas sim o que ele pode fazer por meio de mim (Fp 4.13). A esperança é melhor do que o otimismo, porque se fundamenta em algo mais profundo. Ao esperar, creio que Deus controla tudo, apesar das minhas circunstâncias atuais. As pessoas são bem descuidadas com o que alimentam a sua mente. Nossa habilidade de viver com esperança depende do alimento da mente (Fp 4.8). Duas leis governam nossa vida: a da cognição (você é o que você pensa) e a da exposição (você pensa mais naquilo ao que você se expõe mais). Tudo o que somos e fazemos deriva de como pensamos (Rm 12.2). Ainda que demore, o bom pensamento – percepções acuradas, emoções saudáveis, desejos íntegros, intenções honráveis – não pode produzir resultados ruins, nem o mau pensamento produzir resultados bons (Lc 6.43). O que entra repetidamente na sua mente a ocupa, a modela e, no final, se expressa naquilo que você faz e em quem você se torna. Focar a mente em Deus traz paz (Is 26.3).

Sugestões práticas: a) pratique visão dupla com quem está ao redor (veja a pessoa como é e como Cristo deseja que ela seja); b) imagine Cristo à mesa nas refeições com você; c) leia livros e emails para ele; d) ao resolver problemas, fale com Cristo e não sozinho; e) pense em Deus antes de dormir e ao acordar. Além de transformar a mente, este estilo de vida nos conecta com a realidade espiritual.

A Bíblia nos exorta a meditarmos nela. Isso significa remoer um pensamento. Memorizar versículos. Os rituais também são importantes para focar a mente: a) segurar objetos enquanto oramos; b) lembrar da família.

9. Aprendendo a esperar

Ninguém gosta de esperar. Mateus relata que as ações de Jesus foram rápidas. Contudo, essa história fala de espera. Jesus veio aos discípulos entre 3 e 6 da manhã. Pedro precisou esperar o comando de Jesus para andar na água. Jesus poderia ter feito o vento cessar, mas sabia que todos os discípulos ganhariam algo ao esperar. Antes de nos atirarmos à água, precisamos aprender a esperar, porque Deus não se move de acordo com a nossa pressa. Frequentemente somos seguidores duplo expresso de um Deus descafeinado. “Esperar é o nosso destino como criaturas que não podem sozinhas concretizar o que esperam” (Smedes).

Há diversas esperas na Bíblia: Abraão por um filho, Israel pelo livramento do Egito e pela entrada em Canaã, os crentes pelo Messias, como Simeão (Lc 2.25), os apóstolos pelo Espírito Santo (At 1.4), os crentes pela redenção final (Rm 8.23-25). Deus ordena 43x no AT: “Espere”. E o último versículo implica em esperarmos a volta de Jesus (Ap 22.20). Por que Deus nos faz esperar se pode resolver tudo rapidamente? O que Deus faz em nós enquanto esperamos é tão importante quanto aquilo que esperamos.

A capacidade de esperar (gratificação postergada) é sinal de maturidade. Significa encarar a dor primeiro para depois alcançar o prazer. Saber esperar gera pessoas com mais competência social e maturidade emocional. Um fraco controle de impulsos em geral está associado com delinquência, abuso de substâncias, e divórcio. Foi a recusa de esperar que levou Adão e Eva ao pecado. Sofremos enquanto esperamos Deus fazer justiça, mas o sofrimento produz perseverança, caráter e esperança. Esperar é parte do processo de nos tornarmos o que Deus deseja que sejamos.

A espera bíblica não é passiva, aguardando que algo aconteça que nos permita escapar dos nossos problemas. A espera no Senhor é ativa, confiante, disciplinada, cheia de expectativa e, às

vezes, dolorosa. Como podemos esperar bem? Isso requer confiança paciente de que Deus tem suas razões. O tempo dele é diferente (2Pe 3.8). Esperar no Senhor também requer humildade confiante. O resultado da justiça é confiança e tranquilidade (Is 32.17). Esperar é algo que só o humilde consegue fazer com graça, pois reconhece que não está no controle. Visto que esperamos no Senhor, a atividade mais importante na espera é a oração. É a oração que nos leva a esperar em humildade confiante, sem dar ouvidos a pensamentos desesperados.

Esperar no Senhor traz renovo (Is 40.30-31; Rm 8.24-25). As águias sobem nas correntes ascendentes de ar sem fazer esforço. Às vezes não conseguimos voar como as águias, mas corremos e não cansamos. Há esforço, mas há perseverança. Em outros momentos, tudo o que podemos fazer é caminhar e não nos fatigarmos; é andar, ainda que com fraqueza, mas sem desistir.

10. Quão grande é o seu Deus?

Em meio à tempestade, Jesus proclama: “Eu sou!”. O modo como vivemos é uma consequência do tamanho do nosso Deus. O problema é que muitos têm um Deus pequeno.

Embora tenhamos um Deus grande para nos dar suporte em tudo, muitas vezes nossa vida não reflete isso. Como posso mudar minha perspectiva? Pela adoração.

Por que Deus insiste na adoração? Será que ele precisa disso? A adoração não visa satisfazer uma necessidade do ego divino. Deus nos criou de modo que necessitamos louvar algo transcendentalmente grande que experimentamos. Adoramos a Deus porque precisamos fazê-lo. Precisamos adorá-lo para não esquecer que temos um grande Deus ao nosso lado. No final da história, os discípulos proclamam “Verdadeiramente o senhor é o Filho de Deus!” (Mt 14.33). Deus se revela, refletimos naquilo que Deus fez e reagimos em adoração.

Às vezes não entendemos o que Deus revela porque o nosso coração está endurecido (Mc 6.52). A desatenção é uma das principais coisas que nos impedem de adorar. Precisamos pausar para ver o milagre da vida, da natureza e dos relacionamentos. Em geral percebemos a presença de Deus ao olhar em retrospecto, como Jacó (Gn 28.16).

Reagir em adoração é mais do que frequentar cultos regularmente. Talvez o tédio na adoração derive de ficarmos muito tempo no barco. O temor do Senhor envolve reverência e saudável reconhecimento de quem Deus é; também envolve reconhecimento de nossa corrupção. A adoração nos livra do medo. A adoração lida com a definição da realidade; nela minha percepção da realidade é alterada e aguçada. A realidade é mais do que o que vemos ou tocamos. Toda vez que saímos do barco, confiamos em Deus e obedecemos ao seu chamado, nosso Deus se tornará maior e nossa adoração, mais profunda.